

Fios entrelaçados

Stranded wire

Bianca do Carmo Matsusaki

Universidade de São Paulo

biancamatsusaki@usp.br

Antonio Takao Kanamaru

Universidade de São Paulo

kanamaru@usp.br

Resumo

A renda é um tecido que tem uma história tão delicada quanto sua trama, é difícil definir sua origem e também classificar suas tipologias. No Brasil é ainda mais complexo ter certezas sobre esse assunto, pois sua bibliografia é pouca, e por vezes contraditória quanto às classificações, por isso este artigo tem como objetivo levantar algumas considerações sobre os tipos de rendas que são produzidos em território brasileiro.

Palavras chave: renda; classificação; artesanato.

Abstract

The lace is a fabric that has a history as delicate as its woof, is difficult to define its origin and also sort their typologies. In Brazil is even more complex to be certain about this, because his bibliography is little and sometimes contradictory as the ratings, so this article aims to raise some considerations about the types of income that are produced in Brazilian territory.

Key words: lace; classification; crafts.

Introdução

A renda é um tecido que tem voltado a se destacar no mundo da moda e as rendas artesanais brasileiras despertam o interesse de pesquisadores e estilistas, no entanto a rendeira brasileira ainda é pouco remunerada e reconhecida, isso faz com que muitos jovens não desenvolvam o interesse em aprender a técnica de rendar, e com que algumas rendeiras abandonem ou não busquem aprimorar suas técnicas.

Quando feita de forma artesanal, a renda possui características de um produto sustentável, pois para sua produção são utilizados poucos produtos industrializados, além de gerar renda para quem o produz e trazer traços da cultura onde foi realizada.

No Brasil ainda é preciso cuidar do aspecto da comercialização da renda, para que ela tenha um comércio justo, onde a rendeira tenha seu trabalho devidamente valorizado.

Este artigo tem como objetivo esclarecer alguns aspectos sobre o que é a renda, sua origem, sua história, suas ramificações e os tipos que são encontrados no Brasil.

Metodologia

O artigo foi elaborado tendo como base referências bibliográficas, entrevista feita com o designer e pesquisador Renato Imbroisi, curador da exposição Renda Brasileira no SESC Belenzinho SP, das discussões e apontamentos apresentados durante o ciclo de palestras realizado no dia 25 de maio de 2013 que fizeram parte da mesma exposição anteriormente citada e da pesquisa realizada por Silvia Sasaoka para elaboração da exposição.

História das rendas

A renda é definida como tecido ou malha produzido pelo entrelaçamento de um ou mais fios e sem um fundo prévio (tecido base), formando desenhos que podem ser regulares ou não, resultando em um padrão translúcido e arejado.

Seguem algumas das definições encontradas sobre a renda:

A renda. – Tecido aberto, d'uma especie particular, a renda não tem cordão nem trama; compõe-se de *pontos* identicos ou diferentes, formados pelo cruzamento de fios, de maneira a produzir um desenho; o *ponto* é um motivo regular cujos contornos são formados pelo fio; este termo só se applica, em geral, á renda de agulha. A renda é pois uma especie de rede aperfeiçoada, bastante complicada e trabalhada; o que torna o trabalho difficil e lhe dá todo o seu valor, é precisamente a execução do *ponto*, que exige uma grande pratica e um conhecimento minucioso das múltiplas combinações d'esta tecelagem especial. (BRIEUVRES, 1907, p. 11-12).

Em rigor, a renda poderá ser considerada como um fio enrolado sôbre si mesmo, sem fundo de tecido pré-existente, de maneira a formar, ou uma retícula simples, ou um desenho mais ou menos complexo. [...] Na sua caracterização européia atual, a renda de agulha ou de bilros é, porém, relativamente recente, tendo aparecido em fins do século XV ou começos do XVI. Ela surgiu do bordado, pela necessidade de quebrar a monotonia do bordado fechado sôbre o fundo compacto do tecido pré-existente. (RAMOS, 1948, p. 12-13).

A renda então teria surgido do bordado, como Ramos apontou, e ele ainda descreve: “[...] o *punto in aere* [sic] trabalhava sem nenhum tecido pré-existente; era feito, como dizia a expressão, ‘no ar’, e daí em diante a renda logrou uma autonomia completa do bordado.” (RAMOS, 1948, p. 14). Brievres (1907, p. 10) afirma que os trabalhos de agulha são encontrados em diversos registros da antiguidade, porém nenhum deles permite supor que eram rendas, e sim bordados unicamente. Jackson concorda com a dificuldade de se traçar uma história da renda: devido à sua fragilidade e à sua delicadeza, as amostras encontradas não são capazes de afirmar com exatidão qual foi o processo envolvido em seu feitio. Ele ainda ressalta que as referências sobre rendas e redes descritas nos manuscritos antigos não auxiliam a identificação do trabalho, pois o mesmo termo era usado para todo tipo de trabalho feito com agulha — tanto para o bordado quanto para a rede e/ou tela e possivelmente para a renda.

Contudo, Jackson afirma que a renda não derivou do bordado, e sim das telas, ou redes.

Homero menciona véus tecidos em ouro. Tais expressões não podem ser consideradas como uma referência ao bordado. Essa referência para ele parece estabelecer dois pontos: primeiro, que rede de linho fino entrelaçado ou bordado a ouro, seja para a ornamentação de artigos de vestuário ou o enriquecimento de tapeçarias (como encontramos os telas cerzidos utilizados para tapeçarias nos dias de hoje) fizeram uso desde os tempos bíblicos, em segundo lugar, que a renda deriva sua origem a partir da rede/tela, e não, como muitos imaginam, de bordado.¹ (JACKSON, 1900, p. 4, tradução livre).

¹ No original: “Homer mentions veils of net woven of gold. Such expressions cannot possibly be considered as referring to embroidery. Reference to them seems to establish two points: First, that network of fine linen

Para Palisser, a renda se originou do bordado richelieu (em inglês, *cutwork*), e as menções de Homero e Isaías se referem aos trabalhos com agulhas, não rendas, mas laçadas de redes ou crochê. . “É a partir desse trabalho de bordado aberto, que no século XVI entrou em amplo uso, que deve derivar a origem da renda, e, a fim de trabalhar o assunto, o seguiu em todas as suas gradações.”² (PALLISER, 1869, p. 10, tradução livre).

As divergências entre os dois autores demonstram que a história da renda até o século XV não é clara, deixando livre a interpretação sobre sua verdadeira origem. Eles também apontam para a origem etimológica dos termos que derivaram a palavra renda.

A partir do século XV, dois países disputam a invenção da renda: Itália e Flandres. Um registro de 1469 indica que já se falava da renda na Itália, e uma pintura em Flandres, datada de 1495, traz a figura de uma moça fazendo renda de bilros sobre uma almofada. Os dois exemplos são passíveis de refutação, o primeiro por possuir termos que dependem de uma tradução, que pode assumir diferentes interpretações, e o segundo por não ser dada como certa a data da pintura.

Considera-se que Veneza é o berço da renda de agulha e Flandres o da renda de bilros.

É certo que Veneza se tornou um famoso centro produtor de rendas a partir do século XVI e que a renda se difundiu por toda a Europa, cada país buscando se diferenciar por meio da criação de novos pontos com características próprias.

Por influência de Catarina de Medicis, a França passou a adotar o uso de rendas nos trajes da corte, com Henrique IV a *toilet* masculina também passou a ser ornamentada por rendas, mas foi durante o reinado de Luís XIV, que a fabricação das rendas no país foi impulsionada.

Após a revolução francesa as rendas caíram no esquecimento, e em alguns países foi proibido o seu uso e o sua fabricação.

interwoven or embroidered with gold, whether for the ornamenting of wearing apparel or the enrichment of hangings (just as we find darned network used for curtains in the present day) were made use of from Biblical times; secondly, that lace derived its origin from netting, and not, as many imagine, from embroidery.”

² No original: “It is from that open-work embroidery, which in the sixteenth century came into such universal use, that we must derive the origin of lace, and, in order to work out the subject, trace it through all its gradations.”

No início do século XIX, a corte napoleônica fez ressurgir o uso das rendas, contudo no século XX elas foram deixadas de lado, sendo mais utilizadas nas *lingeries* femininas, em vestidos de noiva, nas golas e nos punhos das togas dos magistrados, em alguns altares de igrejas e em vestes eclesiásticas. Vale ressaltar que a maior parte das rendas utilizadas desde o século XX são produzidas por máquinas, devido ao alto tempo de confecção das de feitiço manual.

A renda voltou a figurar no mundo da moda em 2010 como tendência para o verão 2011, seguindo como forte tendência para 2012 e 2013, e já foi lançada como tendência para os tecidos de 2014, demonstrando um resgate à feminilidade e à delicadeza a que esse tecido remete.

Há três tipos de renda:

Renda de agulha: feita com agulha e fio, nela o desenho (motivo), que pode ser feito sobre um papel, surge das laçadas do fio, por meio de diferentes tipos de pontos, do mais simples ao mais complexo.

Renda de bilros: produzida sobre uma almofada, onde se fixa um papel grosso ou um papelão, no qual o desenho da renda foi previamente elaborado e furado (picado) em pontos estratégicos; nestes se afixarão alfinetes ou espinhos com que, com o auxílio de bilros onde estão enrolados os fios, se faz a renda.

Renda produzida por máquinas: imitando os pontos das rendas de agulha e de bilro, esse tipo de renda é o mais difundido nos dias atuais.

As rendas brasileiras

Há poucos relatos sobre a origem das rendas em território brasileiro, como aponta Ramos.

Infelizmente os dados históricos são praticamente inexistentes, pois a renda de bilros, entre nós, como aliás toda e qualquer forma de artesanato, jamais mereceram a menor proteção ou orientação oficiais, e são deixados aos azares da improvisação, o que significa abandono quase completo. As referências de alguns documentos oficiais a “rendas”, nos primeiros tempos, dizem respeito às rendas de procedência europeia, francesas, italianas ou flamengas, utilizadas nas vestes das classes abastadas. Quando as rendas de bilros começaram a ser usadas, nas roupas brancas femininas, ou na ornamentação religiosa das toalhas de altar dos paramentos sacerdotais, não havia nenhuma referência aos seus lugares de procedência. As nossas humildes rendeiras, em cujas mãos até hoje vem se mantendo o artesanato das rendas, continuam no anonimato do seu árduo labor, apesar de alguns esforços mais recentes em reconhecer-lhes o mérito. Alguma alusão incidental, aqui e ali, indica apenas de leve a procedência portuguesa da sua arte popular. (RAMOS, 1948, p. 35-36).

Acredita-se, portanto, que a tradição do feitiço das rendas chegou ao Brasil por meio das mulheres portuguesas e que se instalou nos litorais e suas proximidades, bem como nos arredores dos rios.

Os tipos de rendas produzidos artesanalmente no Brasil são a renda de bilros e as rendas de agulha renascença, irlandesa, frivolité e nhanduti O redendê, o labirinto e o filé que por vezes são apontados como rendas, são na verdade técnicas de bordado, já que, a renda é produzida pelo entrelaçamento de fios sem um fundo prévio, ou um tecido base.

Para esclarecer melhor a distinção entre essas técnicas, seguem as definições encontradas no livro *Artesanato brasileiro: rendas*.

Renda labirinto

A renda labirinto é conhecida também como crivo.

A denominação usada relaciona-se com a própria característica da renda – meandros sobre um tecido desfiado. Na feitura do labirinto tiram-se, em primeiro lugar, na largura e no comprimento, alguns fios, inter cruzados, dando um aspecto de peneira; daí o nome de crivo. Sobre este fundo se executa o trabalho, com a agulha dando formas semelhantes a um labirinto.

[...]

A matéria-prima empregada para sua confecção consiste basicamente no tecido, geralmente o linho tipo ‘teba’ ou organdi, para trabalhos finos; em menor escala usa-se o tergal para a roupa feminina e outros produtos. (FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE; INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE, 1986, p. 35).

Renda rendendê

Rendendê é um nome de origem desconhecida.

[...]

Para a feitura do rendendê, são utilizados o etamine e o linho tipo ‘fervô’, tradicionalmente de cor branca; são também empregados o verde, bege e outras. A linha, de modo geral, é da cor do tecido, em alguns casos branco e a barra de rendendê colorida, ou então tecido e rendendê de uma só cor, recebendo ornamentos multicores, em bordados ‘ponto de cruz’ ou ‘ponto contado’.

[...]

A artesã ao trabalhar o rendendê adota a mesma postura da utilizada para o bordado. Para a feitura do rendendê precisa, apenas, de um bastidor redondo, agulha e tesourinha, nada mais além da habilidade e vista boa para contar os fios. (FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE; INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE, 1986, p. 45 e 46).

Renda Filé

[...]

Para a elaboração do filé, a primeira coisa a ser feita é a malha ou rede normalmente confeccionada por outra pessoa, em geral um pescador, pois a trama é a mesma da rede de pescar.

[...]

Os pontos são executados com linha em duplo fio ou com “quatro pernas” ou quatro fios, possibilitando, assim, o preenchimento da malha em relevo. (FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE; INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE, 1986, p. 41).

Apesar de serem classificadas como rendas, essas técnicas necessitam de um tecido base, sendo então técnicas de bordado e não de renda, de acordo com a definição de renda acima descrita.

Imbroisi e Sasaoka incluíram o filé na exposição Renda Brasileira, e justificaram essa inclusão por terem se deparado com muitas rendeiras que tecem a malha que irá utilizar como base para a realização do filé, e que essa malha é tecida de acordo com os pontos que nela serão trabalhados. Contudo o filé não pode ser produzido sem essa malha, e determinar quem é o produtor e com qual finalidade ela foi produzida, é difícil e nem sempre preciso. Em Portugal essa técnica é classificada como bordado, e há uma solicitação do Sebrae junto ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) para que uma Indicação Geográfica (IG) seja concedido ao filé alagoano como um bordado, isso implica em um estudo mais detalhado da técnica e sua origem, além de uma reclassificação entre as instituições que apoiam tal técnica para que ela deixe de ser descrita como renda.

Renda de bilros

Renda de bilros, renda de almofada, renda da terra, renda do norte, renda do Ceará. São variados os nomes encontrados no Brasil e no mundo para esse tipo de renda. As duas primeiras denominações se referem aos materiais utilizados para o feitiço da renda, que assim a diferem da renda de agulha; as três últimas são denominações que associam o fabrico da renda à região na qual é produzida.

Os principais materiais utilizados para o feitiço da renda de bilros são a almofada, os bilros, o pique, o fio e os alfinetes.

Pode-se encontrar atualmente o artesanato de rendas na Região Norte (Pará); no Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe); no Sudeste (Rio de Janeiro e Minas Gerais) e no Sul (Santa Catarina).

O estado do Ceará merece uma atenção especial. “Renda do Ceará” é uma das denominações da renda de bilro encontrada no Brasil, cuja produção, apesar de se concentrar na costa litorânea, também ocorre no sertão.

Renda Renascença

A renda renascença tem seu nome associado ao período no qual esta técnica se difundiu na Europa, é um tipo de renda de agulha que se caracteriza pela utilização de fitilhos, que produzem um contorno que será preenchido. Esse fitilho é alinhavado sobre um molde previamente riscado em um papel de seda e colado a um papel grosso; quando se termina de preencher a renda, retira-se o papel.

As regiões brasileiras produtoras de renda renascença são Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe, além do estado da Bahia, onde a renda é conhecida também como renda inglesa.

Renda Irlandesa

A renda irlandesa ficou assim denominada devido às medidas protecionistas dessa técnica durante o período da revolução industrial, a partir de 1872, Margarida de Savóia levou o ensino da mesma para os conventos irlandeses. No Brasil, ela teria se difundido através das freiras que cuidavam da educação das moças de família.

Sua técnica de produção muito se assemelha a renda renascença, sua diferenciação ocorre no fitilho utilizado, na renda renascença o fitilho é achatado, de algodão e com furos nas suas bordas, enquanto que na irlandesa o lacê é um cordão ou cadarço de algodão revestido de viscose, o que dá o efeito acetinado ao lacê, este tipo de lacê é o utilizado no Sergipe, principalmente em Divina Pastora, enquanto no Rio Grande do Norte se usa um cordão de fibra de sisal.

A diferença entre os lacês confere as duas rendas características diferentes na sua conservação, é comum entre as rendeiras se engomar e passar a renda quando se termina, porém devido aos lacês arredondados (forma de cordão) na renda irlandesa esse processo não ocorre, pois sua textura, que cria relevos, e a

composição das fibras dos lacês, que são diferentes da linha utilizada, impedem que a renda passe por esse processo.

O uso do lacê acetinado como matéria-prima identitária das rendeiras de Divina Pastora (SE) conferiu a essa tipologia de renda o título de bem imaterial do patrimônio cultural brasileiro, pelo IPHAN em 2009.

Gradativamente, a denominação irlandesa para nomear a renda produzida em Divina Pastora, está consagrada, diferenciando-se da renda renascença fabricada, sobretudo em Pernambuco e na Bahia que tem como base a fitinha.

Essa delimitação dos nomes parece acompanhar a intervenção do Estado no artesanato, intervenção que, em Sergipe, anuncia-se como preocupação mais forte no final da década de 50 e materializa-se na década de 60. Com a instalação da loja da ARTESE, posto de venda onde os dois tipos de renda eram colocados em constante confronto sendo vendidas lado a lado, os nomes renda irlandesa e renda renascença vão se fixando marcando a especificidade das rendas. Com essas denominações ganharam o mercado. A renda irlandesa, executada com base no cordão de lacê, deu visibilidade às rendeiras de Divina Pastora e passou a ser um dos itens mais destacados do rico artesanato sergipano. O lacê tornou-se a marca específica dessa renda.

Desse modo, o lacê tem para as rendeiras de Divina Pastora um significado muito forte. Ele é o diferencial da sua renda. Além do mais é a matéria-prima mais importante, a mais cara e a que entra em maior quantidade na produção da renda. É também medida de referência para calcular preços da mão-de-obra, bem como o tamanho das peças de renda executadas e o seu preço de venda. O preço da mão-de-obra é definido tomando como unidade de referência a peça de lacê, que contém 10 metros. É comum dizerem as rendeiras: fiz um caminho de mesa de cinco peças de lacê, em vez de expressarem em centímetros ou metros o tamanho do caminho de mesa. Esse é um dado fundamental, embora não seja o único, para estabelecer o preço de venda da peça. (Modo de Fazer Renda Irlandesa tendo como Referência este Ofício em Divina Pastora – SE disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?jsessionid=936B257204CA064731A126CE0BF6E766?id=3227>> acesso: 15 de maio de 2013).

Renda Frivolité

Proveniente da Europa, o frivolité ainda persiste na memória de algumas senhoras brasileiras, e vem sendo resgatado por mulheres que se encantaram com tal técnica. Em grupos ou de forma individual, esse resgate é amparado pela internet, onde rendeiras do mundo todo trocam informações sobre pontos, saberes e produtos realizados.

No Brasil não há uma fonte precisa sobre quais locais são produtores do frivolitê, na Bahia, Rio Grande do Norte e Pernambuco há grupos organizados de rendeiras que recebem auxílio de programas municipais e/ou estaduais de geração de renda, no interior de São Paulo também se faz frivolitê, mas de forma individual. Na França, onde se acredita ter sido seu berço, há uma expansão de rendeiras de frivolitê, assim como na Inglaterra e nos Estados Unidos.

O frivolitê é conhecido no Brasil também como espiguiha, pontilha ou rendilha, é feito com os dedos, linha de crochê, agulhas específicas, que podem ser substituídas pela navete, que é um instrumento de forma elíptica, de plástico, metal ou madeira que possui em seu interior um carretel onde se enrola a linha que será trabalhada.

A renda tem sua trama tecida por nós, picos e laços, que ao se unirem formam anéis ou arcos, que dão leveza a renda.

Nhanduti ou renda do Sol

Nhanduti significa teia de aranha em guarani (ñanduti), devido à trama radial que é a sua principal característica, foi assim batizada pelos índios paraguaios que adaptaram os motivos da fauna e da flora para esta renda. No Brasil, ela é conhecida também como renda do Sol.

Foi nas Ilhas Canárias (Espanha) que surgiu este tipo de renda, lá ela é conhecida como renda Tenerife, por ter sido nesse local que teve seu maior destaque, das Ilhas Canárias o saber veio para o Paraguai, de onde se deslocou para o Brasil.

Para a produção desta renda é necessário um bastidor, que em sua maioria é circular, alfinetes, linhas e agulha. É produzida uma trama radial com linha sobre o bastidor utilizando os alfinetes como apoio, seguido de mandalas que são tecidas com agulha e linha pela rendeira, os desenhos são formados conforme a variação dos pontos que ali será executados.

No Brasil, assim como na Europa, as rendeiras trabalham mais com as formas florais mais geometrizadas e abstratas.

Infelizmente também não há um registro sobre onde essa técnica é realizada no Brasil.

Considerações Finais

Tecido, artesanato, tradição, história, fonte de renda, esses são alguns dos aspectos que envolvem a renda e seu saber/fazer.

A crescente demanda por produtos sustentáveis (ecologicamente correto, economicamente viável, socialmente justo e culturalmente diverso) encontra nas rendas feitas artesanalmente uma matéria-prima que engloba esse conceito, porém no Brasil, devido aos baixos valores pagos para as rendeiras, as rendas não podem ser vistas como algo socialmente justo, é preciso pensar em uma maneira de comercialização justa para este tecido.

Uma das formas de reverter essa situação é a conscientização sobre essa técnica, e para isso é preciso começar a classificá-la corretamente, e ampliar as discussões sobre como cuidar dessas tradições e sobre como as modificações que ocorreram ao longo do tempo, podem contribuir para criar uma identidade própria que possa conferir as outras rendas o título de bem imaterial do patrimônio cultural brasileiro, assim como ocorreu com a renda irlandesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELO, E. R. B. *Tecendo rendas: gênero, cotidiano e geração*. Lagoa da Conceição – Florianópolis – SC. 2005. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

BRIEUVRES, M. *A renda: história da renda em diversas épocas e diferentes países*. Rio de Janeiro: H. Garnier, [19--?]

BRUSSI, J. D. E. *Da “renda roubada” à renda exportada: a produção e a comercialização da renda de bilros em dois contextos cearenses*. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FLEURY, C. A. E. *Renda de bilros, renda da terra, renda do Ceará: a expressão artística de um povo*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE; INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE. *Artesanato brasileiro: rendas*. Rio de Janeiro, 1986.

GIRÃO, V. C. *A renda de bilros e seus artífices*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.

JACKSON, F. N. *A history of a hand-made lace: dealing with the origin of lace, the growth of the great lace centres, the mode of manufacture, the methods of distinguishing and the care of various kinds of lace* (1900). London: L.U. Gill; New York: C. Scribner's Sons, 1861.

MODO DE FAZER RENDA IRLANDESA TENDO COMO REFERÊNCIA ESTE OFÍCIO EM DIVINA PASTORA – SE. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do;jsessionid=936B257204CA064731A126CE0BF6E766?id=3227>>. Acesso: 15 de maio de 2013.

PALLISER, B. *A history of lace*. London: Sampson, Low, Son, and Marston, 1869.

RAMOS, L.; RAMOS, A. *A renda de bilros e sua aculturação no Brasil: nota preliminar e roteiro de pesquisa*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, 1948.

ZANELLA, A. V.; BALBINOT, G.; PEREIRA, R. S. Re-criar a (na) renda de bilro: analisando a nova trama tecida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 13, n. 3, p. 539-547, 2000.